

# letrônica

## A formação do romance de introspecção no Brasil

No decorrer do século XIX, o romance europeu é um gênero que se consolida e se desdobra em diferentes tendências, algumas delas precursoras de procedimentos estéticos que se ampliarão no século XX. Do ponto de vista da renovação do discurso, destaca-se, inicialmente, *Mme Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, que aproxima, através do discurso indireto livre, o narrador onisciente e a protagonista, fazendo, como observa Vargas Lhosa, com que “as fronteiras entre esse dois seres ficcionais se evaporem” e “orientando uma ambivalência que o leitor não sabe se aquilo que o narrador disse provém do relator invisível ou da própria personagem que está monologando mentalmente”.<sup>1</sup> O uso do discurso indireto livre é um procedimento que permite narrar diretamente os processos mentais da personagem, descrever sua intimidade e colocar o leitor no centro da sua subjetividade.

No que se refere à construção das personagens, é significativa a contribuição de Dostoievski para o desenvolvimento do romance. O escritor russo cria perfis complexos de personagens, o mais das vezes cindidas por pressões opostas, como amor/ódio, crueldade/masochismo, humildade/arrogância. Diante de alternativas em relação às quais devem se posicionar, as personagens dostoievskianas são compelidas a constantes processos de auto-análise e autocrítica, em que está em pauta o conflito entre liberdade individual e os interesses coletivos. Conforme Hauser, “o herói de *Memórias do subterrâneo*, Raskolnikov (de *Crime e castigo*), Kirilov (de *Os demônios*) e Ivan Karamazov, todos eles atacam esse problema, todos se batem contra o perigo de serem devorados pelo abismo da liberdade absoluta, do arbítrio individual e do egoísmo”.<sup>2</sup> Dostoievski realiza a expressão da autoconsciência, deslocando a ênfase da retratação do real para a forma como a personagem

---

<sup>1</sup> LHOSA, Vargas. *A orgia perpétua*: Flaubert e Madame Bovary. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.p. 154.

<sup>2</sup> HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. Tomo II, p. 1023.

vê a realidade e a si mesma, ou seja, introduz, conforme observa Bakhtin, “tudo no campo de visão da própria personagem”.<sup>3</sup>

O romance simbolista representa uma ruptura maior com as técnicas tradicionais do romance, sendo *Às avessas* (1884), de J.-K. Huysmans e *Os loureiros estão cortados* (1887), de Édouard Dujardin, duas grandes expressões dessas mudanças. O primeiro apresenta um personagem - Des Esseintes - excêntrico e decadente, que se recusa a viver na mediocridade do mundo. O segundo explora o estado de alma do protagonista do relato – Daniel Prince – através do monólogo interior, com uma linguagem que pretende mostrar o movimento ininterrupto da consciência. Daniel é mais mundano do que a personagem Des Esseintes, de Huysmans, mas ambos sofrem de tédio, dúvidas e obsessões.

No caminho de Dujardin, Henry James vai adotar procedimentos semelhantes e explorar as obscuras regiões da mente; Marcel Proust começa a publicar, em 1913, *Em busca do tempo perdido*, no qual a memória, seguidamente involuntária, reconduz o narrador ao passado, a lugares e experiências que ficaram ocultas pelo véu do esquecimento; James Joyce, que publicou *Retrato de um artista quando jovem* em 1916, inspira-se nas práticas simbolistas francesas, sobretudo na utilização do monólogo interior.

O monólogo interior evoca o fluxo ininterrupto dos pensamentos que atravessam a alma da personagem, à medida que eles nascem, sem explicar o seu encadeamento lógico. Trata-se de “um discurso anterior à organização lógica, que reproduz o pensamento em estado nascente e em estado bruto”.<sup>4</sup> *Ulisses* (1922) é também um romance que revela ter origens na experiência simbolista em muitos aspectos, entre os quais o uso do monólogo interior, ao mesmo tempo em que inspira e irradia suas conquistas para criações posteriores, de escritores como Virgínia Woolf, John Dos Passos, Faulkner, entre outros.

Herdeiro de todas as transformações do final do século XIX e início do XX, o romance modernista, como observam Flechter e Bradbury, vai pôr em evidência questões como “as complexidades de sua própria forma, com representações de estados íntimos da consciência, permeado por um sentimento de desordem niilista por trás da superfície ordenada da vida e da realidade, e com a libertação da narrativa diante da determinação de um oneroso enredo”.<sup>5</sup> Assim, livre das convenções realistas, *stricto sensu*, o romance modernista insere,

---

<sup>3</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.p.40.

<sup>4</sup> DUJARDIN apud SALLENAVE, Daniele. Sobre o “monólogo interior”: leitura de uma teoria. In: In: ROSSUM-GUYON, Françoise Van et alii. *Categorias da narrativa*. Lisboa: Veja, s.d.p. 111.

<sup>5</sup> FLECHTER, J. & BRADBURY, M. O romance de introversão. In: BRADBURY & MACFARLANE. *Modernismo: Guia Geral*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 321.

no discurso ficcional, a discussão sobre a própria criação literária e torna-se mais próximo da vida ao desvelar a seqüência desordenada do pensamento, do tempo, bem como a complexidade do psiquismo humano. Nesses romances, o espaço social finito torna-se a moldura de uma expansão interior infinita. Espaços fechados, como o sanatório da *Montanha mágica*, de Thomas Mann, por exemplo, permitem ao protagonista a experiência do devaneio sem restrições, situação que se contrapõe ao mundo dos negócios e ao da guerra, próprios da “planície”.

No Brasil, a geração simbolista, sobretudo francesa, repercutiu nos escritores brasileiros, filhos da elite que tinha possibilidades de ir à Europa ou tomar conhecimentos das manifestações estéticas do velho continente. *Mocidade Morta* (1899), de Gonzaga Duque, *Amigos* (1900), de Nestor Vitor e *No hospício* (1905), de Rocha Pombo são romances considerados de teor simbolista, sendo que o último seria o mais realizado, segundo a crítica especializada. Mas, no mesmo período (1880-1930), surgem, com Raul Pompéia e Machado de Assis, narrativas em primeira pessoa, que, independente das coordenadas simbolistas, realizam incursões na subjetividade, através da rememoração do passado, na tentativa de compreendê-lo.

Os romances *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis e *No hospício* (1905), de Rocha Pombo, narrados em primeira pessoa, são obras que têm em comum a experiência da clausura e da solidão em espaços fechados, propícios à introspecção, ao desabrochar da memória e à autocompreensão. Sérgio, narrador de *O Ateneu* rememora e reavalia o período de sua vida em que se viu obrigado a aceitar a clausura do internato escolar, onde viveu experiências decisivas para a sua formação interior; Dom Casmurro fecha-se solitariamente em uma casa, réplica daquela em que se criou e onde conheceu Capitu, para mergulhar dentro de si mesmo e compreender a sua história. Ambos, pela memória, recuperam experiências vividas no Internato e na Casa familiar, e deixam filtrar, através de um discurso ambíguo e feito de lacunas, sobretudo em Machado, o seu perfil psicológico. No romance de Rocha Pombo, um narrador-testemunha opta por internar-se em um manicômio para estabelecer contato com um ser humano que ali se refugiou do mundo, por incompatibilidade com a família e com os valores vigentes. Nesse espaço, trocam idéias através da permuta de textos filosóficos que se inserem na narrativa principal, espécie de texto dentro do texto, semelhante à história dentro da história na técnica da *mise-en-abîme*.

Esse isolamento do mundo pode acontecer também no contato com a natureza, longe do burburinho citadino, como acontece no romance *Canaã* (1902), de Graça Aranha, narrado

em terceira pessoa. Neste romance, os protagonistas, vindo da Europa, encontram no espaço da Mata Atlântica o isolamento necessário às reflexões sobre o destino da humanidade. O diálogo e debate de idéias entre as personagens Milkau e Lentz, no seio da natureza, espaço virgem e promissor, espécie Eldorado, sobrepõe-se à sequência de acontecimentos, assumindo uma tendência ensaística. Pode-se afirmar que esses romances, publicados no espaço de quinze anos, constituem-se tentativas iniciais de formação do romance de introspecção no Brasil, empregando técnicas narrativas, como fluxo de consciência e tempo psicológico.

Em 1916, Albertina Bertha publica *Exaltação*, romance com passagens líricas, digressões filosóficas e pesquisa sobre o eu-profundo, que põe em xeque a condição feminina na sociedade da época, obra cujos procedimentos guardam ainda uma tonalidade decadentista. Em 1926, Andrade Muricy, em *A festa inquieta*, retoma essa vertente, também cultivada por Adelino Magalhães na narrativa curta. A narrativa de Muricy passa-se em um sanatório para tratamento de tuberculosos nos Alpes, espaço de isolamento que propicia reflexões do narrador-protagonista, plenas de inquietude a respeito da vida, do ser e do não-ser, e a experiência do silêncio na “ardente atmosfera da noite”, própria ao devaneio espiritual. O discurso literário é permeado de imagens simbólicas que dão os contornos da experiência interna, marcada por uma percepção psicológica fina, desveladora do sentimento de solidão e de inadaptação ao mundo e seus valores, bem como das angústias e dúvidas em relação ao sentido da existência.

Esses romances são precursores dos procedimentos narrativos de Cornélio Penna, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos (sobretudo em *Angústia*), Lúcio Cardoso (sobretudo a partir de *Luz submersa*), Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, entre outros que, juntos, formam uma história do romance de introspecção no Brasil. As experiências nos espaços fechados ou isolados são propícias ao desdobramento do sujeito sobre si mesmo, ao desencadeamento da memória e ao mergulho no psiquismo, bem como a digressões filosóficas, que aproximam, em muitas passagens, o romance do ensaio.

Os textos aqui reunidos são ensaios que privilegiam a análise e interpretação crítica de romances que se inserem nessa linhagem da narrativa de introspecção, sendo que alguns deles focalizam romances pouco estudados pela crítica e ausentes nos manuais de história da literatura.

**Ana Maria Lisboa de Mello**  
**(Organizadora do dossiê)**